

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE ESTUDO DE GÊNERO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EaD GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

Jóice Cristina Santana de Oliveira Ribeiro

**Altas Habilidades/Superdotação: uma análise crítica acerca dos processos de
homogeneização experienciados por estudantes que vivenciam essa condição**

FLORIANÓPOLIS

2017

JÓICE CRISTINA SANTANA DE OLIVEIRA RIBEIRO

**ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: UMA ANÁLISE CRÍTICA
ACERCA DOS PROCESSOS DE HOMOGENEIZAÇÃO EXPERENCIADOS
POR ESTUDANTES QUE VIVENCIAM ESSA CONDIÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção do título de Especialista em
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Aprovado em vinte de fevereiro de 2017.

Coordenação do Curso:



Olga Regina Zigelli Garcia

Banca Examinadora:



Regina Ingrid Bragagnolo



Gisele de Mozzi



Elaine Eliane Pères de Souza

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Ribeiro, Joice Cristina Santana de Oliveira

Altas Habilidades/Superdotação: uma análise crítica
acerca dos processos de homogeneização experienciados por
estudantes que vivenciam essa condição / Joice Cristina
Santana de Oliveira Ribeiro ; orientadora, Marivete Gesser
- Florianópolis, SC, 2017.

47 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.
Curso de GDE.

Inclui referências

1. Ciências Humanas. 3. Altas Habilidades/Superdotação.
4. Estudantes. 5. Escola. I. Gesser, Marivete. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. GDE. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Início agradecendo as/os estudantes e educadoras/es que concordaram em fazer parte deste trabalho.

Agradeço a minha orientadora Marivete Gesser por todo auxílio e incentivo. Sua orientação manteve-me focada e motivada a prosseguir nos estudos mesmo em momentos de intranquilidade e dúvidas.

A minha família, meu marido José Augustinho e as minhas filhas Isabela e Gabriela que sempre me mantiveram motivada. Vocês são muito importantes para mim.

Às/os colegas de curso que fizeram esta caminhada comigo.

Registro também um agradecimento pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina. Agradecemos, sobretudo, os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate a fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo depois da extinção da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado, ao contrário, vem sendo extinguida e criminalizada por diversos setores conservadores na sociedade. Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

RESUMO

O tema de Altas Habilidades/Superdotação é desafiador para pais, mães, responsáveis, professoras/es que precisam enfrentar as ansiedades e necessidades de um grupo de estudantes onde o pensamento, a criatividade, a pesquisa, a curiosidade e tantos outros fazem parte do dia a dia dessas crianças. Nas salas de aula, encontramos estudantes que se destacam, são habilidosos, são críticos e, muitas vezes, esquecidos, ignorados e às vezes invisíveis ao olhar do professor. Diante disso, vem sendo realizado um trabalho para alunas e alunos com altas habilidades em uma escola da cidade de Joinville, Santa Catarina, na qual possui uma sala de AEE/AH/SD - Sala de Atendimento Educacional Especializado de Altas Habilidades e Superdotação, na qual doze crianças vêm sendo atendidas em dois dias da semana por duas horas em contraturno por uma professora e uma articuladora (pedagoga). O objetivo deste estudo é o de identificar as contribuições desse trabalho de inclusão de estudantes com Altas Habilidades/Superdotação realizado junto a estudantes matriculados no Ensino Fundamental. É relevante ampliar os conhecimentos sobre o tema visando contribuir para auxiliar professoras/es a identificar esses estudantes nas salas de aula e atender suas necessidades tanto nas salas especializadas como também nas salas comuns. A pesquisa foi realizada com quatro alunas e um aluno da Sala de Atendimento Educacional Especializado/Altas Habilidades/Superdotação. As informações foram obtidas por meio de entrevista semi estruturada e analisadas com base na análise de conteúdo temática proposta por Bardin (2000). Os resultados indicaram que as crianças com altas habilidades/superdotação precisam de auxílio e apoio tanto da família como da escola para o desenvolvimento de suas potencialidades. Além disso, identificou-se que a experiência de se pertencer a esse grupo social pode ser caracterizada como um processo dialético de exclusão/inclusão social perversa, uma vez que alguns estudantes sofrem com os estereótipos associados à sua condição e com as exigências de suas famílias e demais adultos (as exigências são mais presentes para as meninas). Identificou-se também que o trabalho realizado contribuiu muito para suprir as necessidades dos participantes da pesquisa, uma vez que a sala de aula comum, por seu caráter homogeneizante, não dá conta de suprir as necessidades de aprendizagem dos participantes. Nesse sentido vimos o quanto à escola precisa desconstruir muitos de seus saberes absolutos e focar em formações continuadas para seus educadores trazerem para as salas de aula práticas pedagógicas inclusivas que atendam a heterogeneidade, abrindo espaço para novos saberes. Este estudo mostra a importância de se contemplarem mudanças sociais e institucionais na reflexão sobre inclusão, de modo a garantir que tais barreiras não impeçam a plena participação dos estudantes com deficiência e/ou altas habilidades/superdotação, dando condições de igualdade na apropriação do conhecimento.

PALAVRAS CHAVES: Estudantes. Escola. Altas Habilidades/Superdotação.

ABSTRACT

The theme of High Abilities / Giftedness is challenging for parents, guardians, teachers who need to face the anxieties and needs of a group of students where thinking, creativity, research, curiosity and so many others are part of the day of those children. In classrooms we find students who stand out, are skilled, are critical, and often forgotten, ignored and sometimes invisible to the teacher's gaze. Therefore, a work has been carried out for students and students with high skills in a school in the city of Joinville, Santa Catarina, in which it has a room of AEE / AH / SD - Specialized Educational Attendance Room for Higher Skills and Twelve children have been attended on two days of the week for two hours in contraturno by a teacher and an articuladora (pedagogue). The objective of this study is to identify the contributions of this work of inclusion of students with High Abilities / Giftedness performed with students enrolled in Elementary School. It is important to expand the knowledge about the subject in order to help teachers to identify these students in classrooms and to meet their needs both in specialized rooms and in the common rooms. The research was carried out with four students and one student from the Specialized Educational Assistance Room / High Abilities / Giftedness. Information was obtained through a semi-structured interview and analyzed based on the thematic content analysis proposed by Bardin (2000). The results indicated that children with high abilities / giftedness need help and support from both the family and the school to develop their potentialities. In addition, it has been identified that the experience of belonging to this social group can be characterized as a The dialectical process of perverse social exclusion / inclusion, as some students suffer from the stereotypes associated with their condition and the demands of their families and other adults. It was also identified that the work accomplished contributed much to meet the needs of the participants of the research, since the common classroom, due to its homogenizing character, does not meet to meet the learning needs of the participants. In this sense, we saw how much the school needs to deconstruct many of its absolute knowledge and focus on continuing education for its educators to bring to the classrooms inclusive pedagogical practices that attend heterogeneity, opening space for new knowledge. This study shows the importance of contemplating Social and institutional changes in reflection on inclusion, in order to ensure that such barriers do not prevent the full participation of students with disabilities and / or high skills / giftedness, giving equal conditions in the appropriation of knowledge.

KEY WORDS: Students. School. High Abilities / Giftedness.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
2. OBJETIVOS	09
2.1 Objetivo Geral	09
2.2 Objetivos Específicos	09
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
3.1 A perspectiva da educação inclusiva.....	10
3.2 Conceituando Inteligência	11
3.3 O Atendimento Educacional Especializado para estudantes com Altas Habilidades/Superdotação	16
4. MÉTODO	19
4.1 Lócus do Estudo.....	20
4.2 Resultados.....	22
4.3 Discussões.....	22
4.4 Caracterização dos/as estudantes com altas habilidades/superdotação dentro do espaço escolar.....	23
4.5 Implicações que o fato de ter altas habilidades traz para a vida das pessoas que apresentam essa condição.....	25
4.5.a Implicações de se ter altas habilidades/superdotação para as meninas.....	27
4.6 A relação dos estudantes com altas habilidades/superdotação com os colegas de sala de aula.....	28
4.7 A relação com família, amigos e comunidade com a condição de ser pessoa com altas habilidades/superdotação.....	31
4.8 As Contribuições da Sala de Atendimento Educacional Especializado Altas Habilidades/Superdotação.....	33

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37
7. APÊNDICE.....	41
8. ANEXO 01.....	43
ANEXO 02.....	44

1. INTRODUÇÃO:

Quando falamos em inclusão, a primeira lembrança que temos em mente é de crianças com dificuldade de aprendizagem, onde é comum a realização de um processo de avaliação baseado nas competências presentes na maioria dos estudantes, igualando a todos na mesma forma de entender os conteúdos e resolvê-los. Assim aqueles que não se enquadram nesses padrões “normalidade”, acabam sendo caracterizados como desviantes sofrendo preconceito e aumentando o número de desigualdade. Piovesan (2016, p.510) diz: “A discriminação ocorre quando somos tratados iguais, em situações diferentes; e diferentes, em situações iguais”.

E com base nessa “normalidade” esquecemos daquelas pessoas que têm facilidade em determinada disciplina ou assunto acadêmico e popularmente são chamadas de “talentosas”, “geniais”, “esquisitas”, “nerds” e tantos outros adjetivos que essas crianças recebem quando não sabemos detectá-las em sala de aula. Muitas vezes essas crianças tornam-se invisíveis na escola por medo de não fazer parte da “normalidade” ou simplesmente sofrer bullying e não pertencer a nenhum grupo de amigos.

Renzulli (1977) foi pioneiro ao apresentar a noção de que a superdotação era uma combinação de conjuntos (conglomerados) interativos de comportamentos e que uma pessoa não pode ser identificada como superdotada, baseando-se em somente um desses conglomerados. Sua definição dizia que:

“a superdotação consiste de uma interação entre três conglomerados básicos de traços humanos - habilidades gerais acima da média, altos níveis de compromisso com as tarefas que assume e altos níveis de criatividade. Crianças superdotadas e talentosas seriam, então, aquelas que apresentam ou que são capazes de desenvolver este conjunto integrado de traços, bem como de aplicá-los a qualquer área potencialmente importante do desempenho humano. Crianças que manifestam ou que são capazes de desenvolver uma interação entre os três conglomerados requerem uma variedade ampla de oportunidades e de serviços educacionais, normalmente não oferecidos nos programas instrucionais regulares.” (p. 380).

Nosso primeiro contato social além da família é a Escola. No Brasil, a educação inclusiva está amparada pelos seguintes documentos oficiais: Constituição Federal de 1988, Constituição Estadual de 1989, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, Resolução nº 01 de 1996, Lei Complementar nº 170 de 1998, Decreto Presidencial nº 3.956, Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação

Básica, ambos de 2001, Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade do MEC e o Decreto nº 5.296, ambos de 2004.

A educação tem papel fundamental, sendo a Escola um espaço democrático para a construção de relações igualitárias para todos/as, buscando a efetivação dos direitos de cada um/a reduzindo as desigualdades sociais. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica:

“... este respeito constitui irrevogável princípio nacional, pois nossa Constituição, já no seu preâmbulo, declara a instituição de um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos. Entre os princípios fundamentais do país, consagra o fundamento da dignidade da pessoa humana; os objetivos de construir uma sociedade livre, justa e solidária, de garantir o desenvolvimento nacional, de erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais, e de promover o bem de todos, sem preconceito de origem, etnia, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação; além de consagrar o princípio da prevalência dos direitos humanos nas suas relações internacionais. A Constituição estabelece, ainda, os direitos e garantias fundamentais, afirmando, discriminadamente, os direitos e deveres individuais e coletivos.”

A escola objeto deste estudo está situada, no município de Joinville, SC, possui uma sala pólo desta região atendendo doze crianças do sexto ano, onde cinco estudantes responderam uma entrevista e em seus relatos mostram algumas dificuldades que enfrentam por terem indicadores de altas habilidades. Conforme Gesser e Nuernberg (2016,p.186): “Por meio da construção de processos educativos inclusivos, poderemos contribuir para a construção de uma sociedade voltada à valorização das diferenças e para a garantia dos direitos humanos.”

Os/as estudantes com AH/SD precisam de atendimento especializado com o propósito de minimizar o distanciamento proveniente das diferenças de estilo e ritmo de aprendizagem. De acordo com Gesser e Nuernberg (2016,p 177): “Para a promoção de uma educação inclusiva das diferenças e promotora do desenvolvimento de todas as pessoas, há necessidade de se romperem as barreiras que obstaculizam a inclusão”.

Compreender que a igualdade de oportunidades se sustenta no respeito às diferenças é primordial para que a inclusão possa ser sólida nas escolas e na sociedade.

2- OBJETIVOS

2.1- OBJETIVO GERAL

- Identificar a contribuição de um trabalho de inclusão de estudantes com Altas Habilidades/Superdotação realizado junto aos mesmos matriculados no Ensino Fundamental.

2.2- OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever o trabalho realizado junto a estudantes com Altas Habilidades/Superdotação matriculados no 6º ano do Ensino Fundamental em Joinville/SC.
- Identificar as contribuições do trabalho realizado para a promoção de processos educativos inclusivos das diferenças junto a esses estudantes.
- Identificar os sentidos atribuídos por esses estudantes à experiência de participar no projeto de intervenção realizado junto a estudantes matriculados no 6º ano do Ensino Fundamental em Joinville – Santa Catarina.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 A perspectiva da educação inclusiva

Encontramos nas escolas um número cada vez maior de estudantes com deficiência matriculados e fazendo parte do contexto educacional. Tenho como exemplo a escola em que trabalho no município de Joinville, Santa Catarina, em 1989 quando iniciei tínhamos três alunos com deficiência matriculados. Hoje, temos trinta alunos matriculados com auxílio de segundo/a professor/a frequentando e participando das atividades oferecidas pela escola e a cada reunião pedagógica são avaliadas as práticas pedagógicas para cada estudante. Esse aumento no número de matrículas de estudantes com deficiência tornou-se mais expressivo em decorrência da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008). De acordo com Gesser e Nuernberg (2016, p. 176):

Aos poucos, as escolas e universidades vêm incorporando em sua cultura o desafio de superar as barreiras físicas, comunicacionais, informacionais e atitudinais que incidem sobre aqueles que apresentam uma condição distinta do ponto de vista sensorial, físico ou intelectual, de modo a assegurar em sua dinâmica de funcionamento a atenção educacional e institucional que demandam esses estudantes, bem como o enriquecimento do grupo com a valorização das diferenças.

Nas salas de aula, encontramos estudantes com deficiência, sem deficiência e com altas habilidades/superdotação. O desafio das escolas é garantir igualdade de direitos as diferenças de aprendizagem respeitando todos os estudantes. A inclusão nas instituições educacionais tem grande importância para a construção de uma sociedade democrática que garanta a todos e a todas igualdade de condições de aprendizagem e participação social. Entende-se por inclusão a garantia de que todas as pessoas tenham acesso contínuo ao espaço comum da vida em sociedade, que deve estar orientada por relações de acolhimento às diferenças e pelo esforço coletivo na equiparação das oportunidades de desenvolvimento, com qualidade em todas as dimensões da vida (BRASIL, 2011). Para que a inclusão seja possível, faz-se necessário o rompimento com as barreiras sociais que obstaculizam a participação social dos estudantes em igualdade de condições (Organização Mundial de Saúde, 2011). Gesser e Nuernberg (2015, p 175), ao abordarem sobre as barreiras sociais que obstaculizam a inclusão, destacam:

a importância de se contemplarem mudanças sociais e institucionais na reflexão sobre inclusão, de modo a garantir que tais barreiras não impeçam a plena participação dos estudantes com deficiência e possibilitem condições de igualdade na apropriação do conhecimento. Assim, além de superar essas barreiras, as escolas precisam compreender que a educação inclusiva e a presença de pessoas com deficiência demandam importantes modificações no projeto pedagógico. (Módulo V – 2015, p 175).

Através dessas reflexões vimos a importância da diversidade nas salas de aula, criando modificações significativas em suas práticas pedagógicas. A heterogeneidade enriquece as práticas pedagógicas e valoriza as diferenças respeitando o direito à igualdade de acesso ao conhecimento são elementos fundamentais para uma educação inclusiva. Conforme Gesser e Nuernberg (2016, p. 184):

Destaca-se que, para que possamos estar atentos às necessidades dos estudantes com deficiência na educação, precisamos fomentar espaços de participação destes não somente na sala de aula, mas em todos os âmbitos da vida escolar. Oferecer a oportunidade de eles participarem ativamente do processo de avaliação do que eles precisam para estudar em igualdade de condições com os alunos sem deficiência é um ato político voltado à valorização da humanidade desses estudantes, além de ser um desafio das políticas educacionais na implementação dos direitos garantidos pela Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência.

Portanto, a inclusão de pessoas com diferentes modos de aprender e se relacionar é um grande desafio contemporâneo. Um desses grupos também apontados pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva é o de pessoas com altas habilidades/superdotação. Para poder compreender essa condição, no próximo tópico será contextualizado o conceito de inteligência.

3.2 - Conceituando inteligência

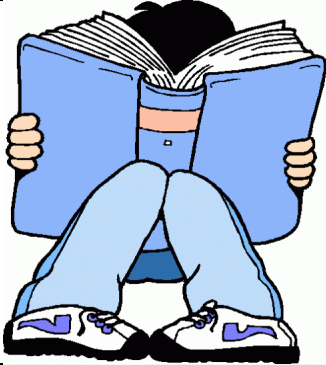
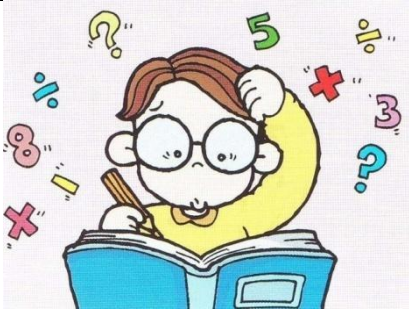
Quando falamos em inteligência, lembramos de coisas que são difíceis de serem realizadas por qualquer pessoa. Desenhar perfeitamente sem nunca ter contato com algum tipo de aula ou técnica, compor uma música, escrever um poema, resolver uma equação que nunca viu... e tantas outras que não conseguimos explicar. São coisas tão rápidas para uma mente ativa, que logo nos lembramos da inteligência. Afinal, o que é inteligência? Os dicionários definem inteligência, como a faculdade que o indivíduo possui de conhecer e aprender. Mas o dicionário Houaiss, define como inteligência o conjunto de funções psíquicas e psicofisiológicas que contribuem para o conhecimento,

para a compreensão da natureza das coisas, significado dos fatos e a capacidade de resolver problemas.

Nas salas de aula dos sextos anos de uma Escola de Educação Básica no município de Joinville, SC, foram realizados com estudantes, seus responsáveis e com as/os professoras/es uma Lista de Verificação de Indicadores de Altas Habilidades/Superdotação (LIVIAHSD) criado pela Professora Susana Graciela Pérez Barrera Pérez e a Professora Soraia Napoleão Freitas sendo um instrumento de triagem. Após realização dos mesmos, foram selecionados com indicadores de Altas Habilidades/Superdotação 12 alunos que estão sendo atendidos na Sala de AEE – Atendimento Educacional Especializado – por uma professora-mediadora e uma pedagoga. Essas/es estudantes são atendidos em grupos de três a quatro educandos e agrupados conforme interesse.

Para essas/es estudantes trabalharem na sala de AEE – Atendimento Educacional Especializado - são utilizados as Teorias das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner e a Teoria de Superdotação dos Três Anéis de Joseph S. Renzulli.

Para Howard Gardner (1994, p 7.), a inteligência é definida como a “capacidade de resolver problemas ou de elaborar produtos que sejam valorizados em um ou mais ambientes culturais ou comunitários”. A pesquisa de Gardner (Armstrong, 2001, p. 14-15) define oito tipos diferentes de inteligência, são elas:

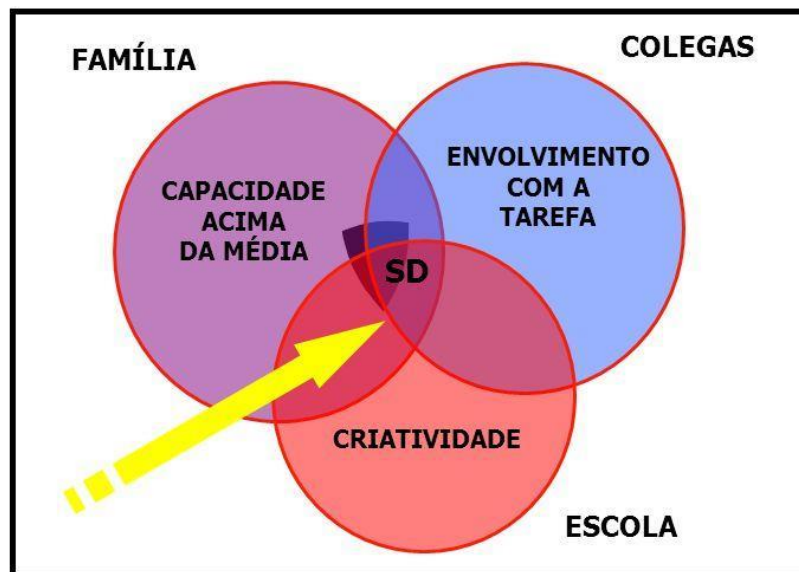
<p>A inteligência linguística não só se refere à capacidade de comunicação oral, mas a outras formas de comunicação como a escrita, gestual, etc. Quem domina melhor essa capacidade de comunicação possui uma inteligência linguística superior. Algumas profissões enfatizam esse tipo de inteligência como, por exemplo, os políticos, escritores, poetas, jornalistas...</p>	<p>Inteligência Linguística</p>	
<p>Como o próprio nome indica, este tipo de inteligência está ligada à capacidade de raciocínio lógico e resolução de problemas matemáticos. A velocidade para resolver estes problemas é o indicador que determina quanta inteligência lógico-matemática a pessoa tem. O famoso teste de quociente de inteligência (QI) é baseado neste tipo de inteligência e, em menor proporção, na inteligência linguística. Cientistas, economistas, acadêmicos, engenheiros e matemáticos muitas vezes se destacam neste tipo de inteligência.</p>	<p>Inteligência Lógico-Matemática</p>	

<p>A capacidade de observar o mundo e os objetos em diferentes perspectivas está relacionada a este tipo de inteligência, em que se destacam os profissionais de xadrez e artes visuais (pintores, designers, escultores...).</p> <p>Pessoas que se destacam nessa inteligência, geralmente têm habilidades que lhes permitem criar imagens mentais, desenhar e identificar detalhes, além de um sentimento pessoal de estética. Com essa inteligência desenvolvida, encontramos pintores, fotógrafos, designers, publicitários, arquitetos, e outras profissões que exigem criatividade...</p>	<p style="text-align: center;">Inteligência Espacial</p>	
<p>A música é uma arte universal. Todas as culturas têm alguma forma de música, mais ou menos elaborada, levando Gardner e seus colegas a entenderem que há uma inteligência musical latente em todos. Algumas áreas do cérebro executam funções relacionadas ao desempenho e à composição da música. Como qualquer outro tipo de inteligência, você pode treinar e melhorar. Os mais favorecidos neste tipo de inteligência são aqueles capazes de tocar instrumentos, ler e compor peças musicais com facilidade.</p>	<p style="text-align: center;">Inteligência Musical</p>	
<p>As habilidades motoras do corpo são necessárias para utilizar ferramentas ou para expressar certas emoções, é essencial para o desenvolvimento em qualquer cultura. A capacidade de usar ferramentas é considerada uma inteligência sinestésica corporal. Além disso, a capacidade intuitiva da inteligência corporal é utilizada para expressar sentimentos através do corpo. São particularmente brilhantes neste tipo de inteligência: dançarinos, atores, atletas e até mesmo cirurgiões e artistas plásticos, porque todos eles precisam usar racionalmente as suas capacidades físicas.</p>	<p style="text-align: center;">Inteligência Corporal e Sinestésica</p>	
<p>A inteligência intrapessoal se refere à inteligência que nos permite compreender e se controlar internamente. As pessoas que se destacam neste tipo de inteligência são capazes de acessar seus sentimentos e refletir sobre eles. Essa inteligência também lhes possibilita aprofundar a visão e compreender as razões sobre o porquê de uma pessoa ser do jeito que é.</p>	<p style="text-align: center;">Inteligência Intrapessoal</p>	

<p>A inteligência interpessoal nos permite ficar conscientes de coisas que os nossos sentidos não conseguem captar. É uma inteligência que nos possibilita interpretar palavras, gestos, objetivos e metas subentendidos em cada discurso. A inteligência interpessoal aprimora a nossa capacidade de empatia. É uma inteligência muito valiosa para as pessoas que trabalham com grandes grupos. Sua capacidade de detectar e compreender as circunstâncias e problemas dos outros será maior com a inteligência interpessoal. Professores, psicólogos, terapeutas, advogados e educadores são perfis que têm uma pontuação muito elevada neste tipo de inteligência descrita na teoria das inteligências múltiplas.</p>	<h2>Inteligência Interpessoal</h2>	
<p>A inteligência naturalista detecta, diferencia e categoriza as questões relacionadas com a natureza, como espécies animais e vegetais ou fenômenos relacionados ao clima, geografia ou fenômenos naturais. Este tipo de inteligência foi adicionado mais tarde ao estudo original de Inteligências múltiplas de Gardner, em 1995. Gardner achou necessário incluir nesta categoria porque é uma das inteligências essenciais para a sobrevivência do ser humano e de outras espécies.</p>	<h2>Inteligência Naturalista</h2>	

No que se refere à Teoria de Superdotação dos Três Anéis de Joseph S. Renzulli (1976), esse autor concebe a superdotação como o resultado das interações que ocorrem entre dois ou três grupamentos de traços – habilidades acima da média, comprometimento com a tarefa e criatividade que permitem propor indicadores de AH/SD (Altas Habilidades e Superdotação) em qualquer uma dessas inteligências, conforme veremos abaixo:

Concepção proposta por Joseph Renzulli Teoria dos Três Anéis(1976)



Fonte: Renzulli, Joseph S; REIS, Sally M. The Three-ring conception of giftedness: A Developmental Model for Creative Productivity. The Triad Reader. Connecticut : Creative Learning Press, 1986

Habilidade acima da média (geral ou específica): “capacidade de processar informações, integrar experiências que resultam em respostas apropriadas e adaptativas a novas situações e engajar-se no pensamento abstrato” (Renzulli; Reis, 1997, p5). A habilidade acima da média pode ocorrer em qualquer área do saber ou do fazer humano e deve ser detectada sempre tendo como referência seus pares (estudantes da mesma turma).

O comprometimento com a tarefa: envolve um nível de motivação que faz com que o/a estudante dedique um esforço ou energia muito grande a um problema específico ou a uma área de desempenho. Renzulli acrescenta: “... difere da motivação geral ou determinação, no sentido que está focalizada em um projeto, tema ou problema particular que é de interesse pessoal do/a estudante.”

Criatividade: Renzulli refere que “tanto a criatividade quanto o comprometimento com a tarefa não sempre estão presentes ou ausentes, mas ocorrem como resultado do estímulo oferecido por experiências de aprendizagem formais ou informais”.

Na sala AEE (Atendimento Educacional Especializado) de uma escola da Rede Pública Estadual, são atendidas/os estudantes em grupos de três ou quatro componentes e quando necessário, em alguns momentos, o atendimento é individual. Elas/es são agrupados considerando as áreas de interesse. As atividades são propostas também de acordo com o a área de interesse e habilidade de cada grupo.

3.3 O Atendimento Educacional Especializado para estudantes com Altas Habilidades/ Superdotação

A proposta de atendimento educacional especializado para estudantes com altas habilidades /superdotação está fundamentada nos princípios filosóficos que embasam a educação inclusiva.

Conforme documento a Política de Educação Especial do Estado de Santa Catarina, a educação deve ser entendida como processo interdisciplinar que visa à prevenção, ao ensino e à reabilitação da pessoa com deficiência, condutas típicas e altas habilidades, objetivando sua inclusão mediante a utilização de recursos pedagógicos e tecnológicos específicos em âmbito educacional, como uma modalidade que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, organizadas para apoiar, complementar e suplementar a aprendizagem dos educandos.

As/os estudantes com altas habilidades são aquelas/es que apresentam:

[...] notável desempenho e elevada potencialidade em qualquer dos seguintes aspectos, isolados ou combinados: capacidade intelectual geral; aptidão acadêmica específica; pensamento criativo ou produtivo; capacidade de liderança; talento especial para artes e capacidade psicomotora. Livro (Política de Educação Especial de SC, 2009, p 26).

Dos desempenhos mencionados acima conforme Virgolim (2007, p 28), destacam-se os seguintes:

Capacidade Intelectual Geral - apresenta flexibilidade com fluência de pensamento, capacidade de pensamento abstrato para fazer associações, produção ideativa, rapidez do pensamento, julgamento crítico, independência de pensamento, compreensão com memória elevada, capacidade de resolver e lidar com problemas.

Aptidão Acadêmica Específica - evidencia aptidão acadêmica específica, de atenção, de concentração, rapidez de aprendizagem, boa memória, gosto e motivação pelas disciplinas acadêmicas de seu

interesse; habilidade para avaliar, sintetizar e organizar o conhecimento, capacidade de produção acadêmica.

Pensamento Criativo ou Produtivo- relaciona-se às seguintes características: originalidade, imaginação, capacidade para resolver problemas de forma diferente e inovadora, sensibilidade para as situações ambientais, sentimento de desafio diante da desordem de fatos; facilidade de autoexpressão, fluência e flexibilidade.

Capacidade de Liderança - revela capacidade de liderança e caracteriza-se por demonstrar sensibilidade interpessoal, atitude cooperativa, sociabilidade expressiva, habilidade de trato com pessoas diversas e grupos para estabelecer relações sociais, percepção apurada das situações de grupo, capacidade para resolver situações sociais complexas, alto poder de persuasão e de influência no grupo.

Talento Especial para Artes - pode-se destacar tanto na área das artes plásticas, musicais, como dramáticas, literárias ou técnicas, evidenciando habilidades especiais para essas atividades e alto desempenho.

Capacidade Psicomotora - destaca-se por apresentar habilidade e interesse pelas atividades psicomotoras, evidenciando desempenho fora do comum como: velocidade, agilidade de movimentos, força, resistência, controle e coordenação motora.

Na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008), que objetiva, entre outros aspectos, assegurar:

[a] inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, orientando os sistemas de ensino para garantir: acesso ao ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino; transversalidade da modalidade educação especial desde a educação infantil até o ensino superior; oferta de atendimento educacional especializado [...] (Brasil, 2008, p14).

Conforme a Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009, Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial.

Art. 1º Para a implementação do Decreto nº 6.571/2008, os sistemas de ensino devem matricular os alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas classes comuns do ensino regular e no Atendimento Educacional Especializado (AEE), ofertado em salas de recursos multifuncionais ou em centros de Atendimento Educacional Especializado da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos.

Art. 2º O AEE tem como função complementar ou suplementar a formação do aluno por meio da disponibilização de serviços, recursos de acessibilidade e estratégias que eliminem as barreiras para sua plena participação na sociedade e desenvolvimento de sua aprendizagem.

Nesse sentido, chamamos a atenção para a necessidade de compreendermos o desenvolvimento de cada ser humano de forma singular, sem comparar ou avaliar, pois cada ser é único.

Ainda sobre a normatização acerca do atendimento a estudantes com Altas Habilidades/Superdotação, a Resolução nº 4 prevê que a escola de ensino regular deve institucionalizar a oferta do AEE, prevendo na sua organização algumas características, tais como incisos abaixo:

I – sala de recursos multifuncionais: espaço físico, mobiliário, materiais didáticos, recursos pedagógicos e de acessibilidade e equipamentos específicos;

II – matrícula no AEE de alunos matriculados no ensino regular da própria escola ou de outra escola;

III – cronograma de atendimento aos alunos;

IV – plano do AEE: identificação das necessidades educacionais específicas dos alunos, definição dos recursos necessários e das atividades a serem desenvolvidas;

V – professores para o exercício da docência do AEE;

VI – outros profissionais da educação: tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais, guia-intérprete e outros que atuem no apoio, principalmente às atividades de alimentação, higiene e locomoção;

VII – redes de apoio no âmbito da atuação profissional, da formação, do desenvolvimento da pesquisa, do acesso a recursos, serviços e equipamentos, entre outros que maximizem o AEE.

A proposta do Plano de AEE ou Plano Educacional Individualizado parece ser uma alternativa interessante para o trabalho pedagógico com estudantes com indicadores de Altas Habilidades/Superdotação, podendo auxiliar na elaboração e planejamento de estratégias pedagógicas individualizadas que favorecem o desenvolvimento desses educandos.

4- MÉTODO

Este trabalho fundamentou-se no método de pesquisa qualitativa, tendo sido realizada um Roteiro de Entrevista com cinco alunos e alunas que frequentam a Sala de Atendimento Educacional Especializado – Altas Habilidades/Superdotação em um bairro de Joinville – SC. Este método consente uma vasta análise da pesquisa, colaborando para discussões sobre métodos e resultados das respostas coletadas e assim refletirmos sobre cada delas.

No que se refere aos participantes da pesquisa, foram entrevistados quatro meninas e um menino com altas habilidades/superdotação. Esses são participantes de um trabalho realizado em uma sala de AEE/AH/SD - Sala de Atendimento Educacional Especializado de Altas Habilidades e Superdotação, na qual doze crianças vêm sendo atendidas em dois dias da semana por duas horas em contraturno por uma professora e uma articuladora (pedagoga). As informações foram obtidas por meio de entrevista semiestruturada com um roteiro previamente definido com o intuito de responder aos objetivos da pesquisa.

As informações obtidas foram analisadas com base na análise de conteúdo temática a qual, segundo Bardin (2000), remete a uma operação de “desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos” (Bardin, 2000, p 153), o que possibilita a obtenção de temas significativos para a explicação do material coletado. Os dados foram sistematizados em categorias e analisados qualitativamente de acordo com os resultados obtidos na realização da experiência e da avaliação realizada pelos atores sociais. Após esta etapa, foram distribuídos em temas definidos a posteriori. A partir análise do material apresentado foram definidas categorias analíticas com o intuito de caracterizar estudantes beneficiados com o trabalho e as contribuições da participação da experiência para a vida das/os participantes do sujeito. As categorias identificadas são: definição, caracterização, relação, interferência e contribuição.

4.1- Lócus do Estudo

Esse trabalho teve início quando a Fundação Catarinense de Educação Especial, localizada no município de São José, Santa Catarina, onde possui um Núcleo de Atendimento de Altas Habilidades/Superdotação (NAAH/S), o qual atende todas as demandas do Estado para avaliação e atendimento dessas/es estudantes com indicadores de várias escolas dos vários municípios de Santa Catarina, não conseguindo atender ou dar suporte a todos. Em reunião com a SED (Secretaria da Educação de Santa Catarina) em Florianópolis, revolveram criar pólos em algumas cidades de Santa Catarina para atender as/os estudantes dando suplementação e enriquecimento nas habilidades acima da média que os mesmos (as) possuem. Portanto, o trabalho visa dar visibilidade a essas crianças e adolescentes que são esquecidos seja por terem facilidade em aprender e não serem lembrados na sala de aula ou por atrapalharem as aulas com desinteresse e apatia por já conhecerem o assunto ou a atividade negando-se a realizá-lo ou tornando-se indisciplinado, pois as mesmas não trazem um diferencial para seu conhecimento.

Com base nesse cenário, foram selecionadas três escolas no município de Joinville para realização dos trabalhos de identificação de alunas ou alunos com Altas Habilidades/ Superdotação. A estas escolas, foram enviadas pela 23ª GERED – Gerência Regional de Educação – Joinville, a informação, que nas salas de quintos anos do Ensino Fundamental, a equipe da escola teria que realizar uma Lista de Verificação de Indicadores de Altas Habilidades/Superdotação – LIVIAHSD. Isso ocorreu por meio da aplicação de um instrumento de triagem, respondido pelo(s) professores(as) regentes ou por cada um dos professores(as) das diferentes áreas do conhecimento (disciplinas).

Dessas três escolas o maior índice de estudantes com indicadores de Altas Habilidades/Superdotação foi em uma escola no bairro Aventureiro.

Após a triagem das crianças com altas habilidades/superdotação, o Diretor Geral dessa escola em um bairro de Joinville, SC, foi chamado à Gerência de Educação para receber informações e iniciar os trabalhos na escola.

Esse passou a coordenação da Sala de AEE/AH/SD – sala de Atendimento Educacional Especializado para a Orientadora Educacional, pois a mesma já coordenava as/os alunas/os e alunas da Educação Inclusiva e as Segundas Professoras.

Nesse mesmo ano, a Orientadora, junto com as Integradoras da Educação Especial da Gerência da Educação em Joinville, foi ao município de São José, SC para obter maiores informações junto a Fundação Catarinense de Educação Especial

relacionadas à propostas de funcionamento desta sala: entrevistas com as/os alunos e alunas, entrevistas com pais e mães, funcionamento da sala, material utilizado, tempo de atendimento e outros.

No início do ano de 2016 no mês de março. Nesse mesmo mês, a Orientadora Educacional da escola, a Professora da sala de AEE/AH/SD – Sala de Atendimento Educacional Especializado/Altas Habilidades/Superdotação e a Integradora de Educação Especial de Gerência de Educação de Joinville foram chamadas para curso de Capacitação de dois dias dentro da Fundação Catarinense de Educação Especial em São José – SC, para começar os trabalhos com alunos e alunas na sala. No mês de maio, recebemos outra integrante para fazer parte da sala de AEE/AH/SD – Sala de Atendimento Educacional Especializado/Altas Habilidades/Superdotação, uma Pedagoga.

A SED – Secretaria da Educação em Florianópolis juntamente com a Fundação Catarinense de Educação Especial, elaborou as Diretrizes para Implantação do Atendimento Educacional Especializado para estudantes com AH/SD – Altas Habilidades e Superdotação, dando prioridade aos estudantes matriculados na Rede Pública Estadual que estavam frequentando o Ensino Fundamental ou Ensino Médio que apresentarem indicadores de AH/SD – Altas Habilidades e Superdotação.

A sala de AEE/AH/SD – Sala de Atendimento Educacional Especializado passou por uma reforma onde saiu de espaço pequeno para uma sala mais ampla sendo equipada com dois computadores ligados a Internet, uma impressora, um notebook, uma mesa ampla para as atividades em grupo e uma menor para atividades individuais, três estantes divididas com jogos, materiais para pesquisa (livros e revistas) e outra com materiais para uso dos/as estudantes (pincéis, tintas, lápis, borracha, lápis de cor, giz de cera, vários tipos de papéis e outros...), quadro branco, fichário e uma mesa de professor.

4.2- RESULTADOS:

Foram feitas entrevistas com os estudantes da Sala de Atendimento Educacional Especializado AH/SD através de perguntas e respostas sendo gravadas (áudio), logo após as mesmas foram transcritas na íntegra para serem utilizadas na pesquisa qualitativa. Depois de feita as entrevistas com os cinco estudantes da Sala de

Atendimento Educacional Especializado – Altas Habilidades/Superdotação, as informações foram postas em duas tabelas. A primeira registra dados pessoais como: nome, data de nascimento, cor, renda familiar, número de pessoas que moram na casa e religião. Na segunda tabela foram feitas perguntas para retirada de informações sobre a temática trabalhada nos objetivos, sendo empregadas em cinco tópicos. São eles: 1-Na sua opinião, o que significa ser pessoa com altas habilidades/superdotação? 2- Quais as implicações que o fato de você ser caracterizado como pessoa com altas habilidades traz para sua vida? 3-Você percebe que há alguma implicação do fato de ser estudante com altas habilidades nas relações com seus colegas em sala de aula? 4-E em relação aos demais âmbitos de sua vida (família, amigos, inserção comunitária) você percebe que o fato de ser caracterizado como pessoa com altas habilidades tem alguma interferência? Se sim, explique de que forma essa condição interfere. 5-Na sua opinião, quais as contribuições de participar das atividades realizadas pelas/os professores/as da Sala de Atendimento Educacional Especializado voltadas à estudantes com altas habilidades.

4.3- DISCUSSÕES:

A **Tabela 1** mostra a caracterização de cinco estudantes que frequentam a Sala de Atendimento Educacional Especializado que participaram do Instrumento de Coleta de Informações (apêndice). No instrumento constam informações como: nome (fictício), idade, cor, renda familiar, número de pessoas que moram na casa e religião.

Tabela 1 – Roteiro das Entrevistas – Caracterização dos entrevistados e das entrevistadas:

Nome Fictício	Data de nascimento	Cor	Renda Familiar	Nº de pessoas que moram na casa	Religião
Brenda	02/04/2004	Branca	+/- R\$ 5.000,00	5 pessoas	Evangélica
Gisele	30/07/2004	Branca	+/- R\$ 7.000,00	3 pessoas	Católica
Mariana	22/07/2004	Branca	+/- R\$ 5.000,00	4 pessoas	Católica
Eliane	09/08/2004	Branca	+/- R\$ 8.000,00	2 pessoas	Católica
Artur	03/12/2004	Branco	+/- R\$ 7.000,00	3 pessoas	Católico

A **Tabela 2**, em anexo (p.42 e 43), deste estudo mostra e analisa a opinião de cada categoria e sub-categoria das respostas das/os estudantes da Sala de Atendimento Educacional Especializado sobre o significado de ser pessoa com Altas Habilidades/Superdotação, as implicações em que este significado traz para sua vida, as implicações com as/os colegas em sala de aula, em âmbito familiar, círculo de amizade e/ou comunidade se essa condição interfere em suas relações e as contribuições em participar da Sala de Atendimento Educacional Especializado.

4.4- Caracterizações dos/as estudantes com altas habilidades/superdotação dentro do espaço escolar

Com base nas informações obtidas por meio das entrevistas realizadas junto as/os estudantes entrevistados/as pudessem ter acesso a várias informações relacionadas à experiência de pessoa com altas habilidades/superdotação. Uma das informações obtidas se refere a como as/os estudantes sentem-se a respeito da família, os amigos e a escola.

A escola é um espaço importante de socialização, conforme Vecanto (2014, p 31) onde as diferenças se tornam invisíveis, deixando aberta a porta da discriminação e violências diversas. Observe a fala da aluna Brenda: “significa que temos mais potencial que os outros, maior facilidade em aprender.” É importante que há, nas escolas, uma tendência em se negar essas diferenças sendo que na sala de aula, o professor e/ou professora fazem seu currículo homogêneo, onde todos são atendidos da mesma maneira, não contemplando as diferenças. De acordo com Vecanto (p. 23):

A instituição escola, ao cabo, tem dificuldade de lidar com as diferenças porque há uma contradição interna que se explicita na forma como ela foi criada e permanece até os dias atuais: não é fácil que uma instituição criada para padronizar e dar unidade a indivíduos por vezes muito diferentes se torne democrática e aberta às diferenças.

Essa imagem mostra como os alunos e alunas são postos na mesma forma de aprendizagem, como se todos e todas tivessem a mesma maneira de entendimento dos conteúdos trabalhados na sala de aula. Isso aponta como a escola precisa urgentemente repensar em novas estratégias de ensino para tornar-se democrática, igualitária e realmente inclusiva.

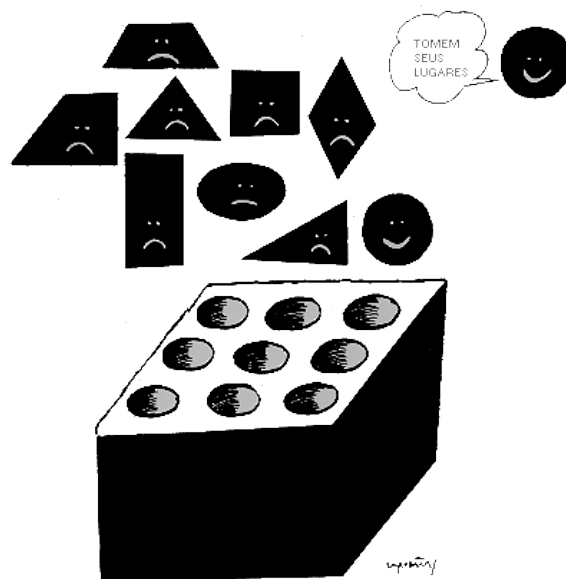


Figura 1: Esta imagem do livro “Cuidado, escola”, mostra como o processo de ensino aprendizagem tenta colocar alunas e alunos com suas diferenças no mesmo molde.

A escola continua reproduzindo os mesmos critérios formais de avaliar e suas práticas pedagógicas, achando ser o melhor método de ensino e aprendizagem para os estudantes, utilizando o mesmo padrão para todos e todas. Nessa direção, ressalta Vecanto (2014, p 23): “não é fácil que uma instituição criada para padronizar e dar unidade a indivíduos por vezes muito diferentes se torne democrática e aberta às diferenças.

Observe a fala de Mariana: “Ter a capacidade de aprender mais rápido, inteligente e criativa”, mostra que ter um olhar para de inclusão, pode fazer da sala de aula um local para as diferenças, onde devem ser valorizadas opiniões, debates entre os estudantes e professores/professoras que frequentam esse ambiente educacional criando novas formas de aprender e ensinar, dando outros significados a esse local de conhecimento. Conforme Vecanto (2014,p. 25):

Diferenças devem ser entendidas como sinônimo de riqueza, e devem ser valorizadas dentro da escola e das práticas pedagógicas. É importante que estejam incluídas nos conteúdos, currículos, debates entre os diferentes sujeitos que circulam nesse ambiente. É preciso compreendê-las, conhecê-las e respeitá-las.

Nosso maior desafio é dar oportunidade para que esses estudantes sejam vistos e respeitados seus direitos. Que somente a sala de AEE atenda essa demanda invisível das salas de aula, mas que todos os espaços das escolas falem e entendam sobre as

diferenças e assim fazendo sentido a prática pedagógica respeitando o direito a educação para todos.

4.5- Implicações que o fato de ter altas habilidades traz para a vida das pessoas que apresentam essa condição

Sabemos o quanto é importante para todas as pessoas e principalmente para o adolescente a aceitação no grupo de amigos (fazer parte da turma) e muitas vezes para isso acontecer os estudantes precisam seguir um padrão normatizado pelo grupo caso contrário é excluído aquele que não segue a norma estipulada.

Verifique a fala de Eliane: “Algumas pessoas eu percebo que sentem inveja, claro não todas. Pois tiramos notas altas em todas as matérias, alguns nos chamam de “Nerd”.” A estudante deixa claro que a discriminação e não aceitação de sua condição por conta de alguns estudantes da sala de aula a incomodam. Esse é um exemplo de “assédio escolar”, onde a diferença de ter facilidade em aprender desperta a antipatia em alguns estudantes que a chamam de “Nerd”. Veja o relato da aluna Brenda: “Traz uma certa cobrança dos amigos próximos e familiares, por termos indicadores de altas habilidades. Sempre vão estar esperando algo de nós”. Ter altas habilidades pode ser uma experiência de inclusão social perversa que pode gerar sofrimento pela pressão da família e demais pessoas. Essa fala demonstra o quanto se preocupa em fazer sempre o certo e não errar. Nessa direção Vecanto (2014, p. 51) destaca que “evitar o assédio escolar é preciso que se faça um trabalho preventivo e continuado, assim como demanda abertura para o diálogo e uma escuta aberta para problemas e questões trazidas pelos(as) alunos(as)”.

Ainda faltam em nossas escolas abertura para diálogo e debates sobre inclusão. O que essas crianças e adolescentes precisam levar para suas vidas é que as diferenças fazem parte da nossa sociedade e precisam ser respeitadas para no futuro não continuarmos a reproduzir desigualdades e exclusões. Como diz Vecanto (2014, p. 53):

É preciso transformar cada comentário jocoso, cada julgamento de valor, cada intervenção agressiva ou preconceituosa em uma oportunidade de desconstruir velhos preconceitos, estereótipos e exclusões e construir uma nova forma de lidar com o conhecimento, com seu entorno e a vida social.

Corroborando o pensamento da autora, a imagem abaixo expressa o direito a diferença. Vejamos:



Figura 2- Ilustração do cartunista Ziraldo para a cartilha do Ministério da Justiça “Os direitos humanos”.

Outra fala que expressa o direito à diferença é a importância de que a diferença não seja transformada em desigualdade é a expressa por Gisele. Segundo ela “Acho que às vezes, por exemplo, na sala de aula, alguns alunos se sentem inferiores a nós, mas eu nunca me senti melhor que ninguém, pois sei que isso não é bom, não somos melhores que ninguém, somos iguais a todos.” Ela deixa bem claro que as diferenças existem e que devem ser respeitadas sem precisar excluir ou inferiorizar o outro.

Nessa direção Vecanto (2014, p. 41) destaca que “o preconceito e a discriminação não afeta apenas aqueles indivíduos que são discriminados, impacta na vida de todas as pessoas que se encontram nos espaços onde há processos discriminatórios”.

Ademais a escola precisa falar sobre temas como os de gênero, sexualidade, raça e outros marcadores sociais da diferença para que se torne um local aberto longe do preconceito e da discriminação, sendo que entender as diferenças é um desafio para a melhora das práticas pedagógicas e de respeito para todos e todas que nela convivem.

Assim, poder-se-á evitar processos de exclusão/inclusão social perversa as pessoas que apresentam características que os tornam diferentes da norma, promovendo processos educativos inclusivos a todas as pessoas inseridas neste contexto.

4.5.a- Implicações de se ter altas habilidades/superdotação para as meninas

Começaremos entendendo o conceito de gênero, e de acordo com Joan Scott (2015, p. 95) “gênero é entendida como um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, sendo um primeiro modo de dar significado às relações de poder”. Nas escolas nos deparamos com estudantes, responsáveis, professores e tantos outros/as que circulam pelos corredores dela com suas culturas, linguagens e costumes caracterizando uma imensa diversidade no espaço educacional. Essa diversidade muitas vezes cria um estranhamento de alguns que chamamos de etnocentrismo, que de acordo com Barreto et al. (2015, p. 52): “consiste em julgar, a partir de padrões culturais próprios, como “certos ou errados”, feios ou bonitos”, normais ou anormais”. No cotidiano ouvimos expressões como “só podia ser mulher”, a pesquisa feita com os/as estudantes da sala de AEE/AH/SD, mostra na fala de algumas meninas um pouco sobre como é fácil para os meninos terem indicadores de altas habilidades, pois para nossa cultura o “homem por natureza é melhor que a mulher”. Para elas a cobrança é maior tendo sempre que mostrar que são capazes e que tem os mesmos direitos de frequentarem os mesmos espaços que eles. Os estereótipos são outras formas de “biologizar” a mulher conhecida como “sexo frágil”, colocando na cabeça de muitas que não são capazes de realizar determinados feitos.

Conforme Barreto et. al. (2015, p.55) ter um olhar transdisciplinar promove a equidade:

A desnaturalização das desigualdades exige um olhar transdisciplinar, que, em vez de colocar cada segmento em uma divisão isolada, convoca as diferentes ciências, disciplinas e saberes para compreender a correlação entre esses modos de discriminação. E também construir formas igualmente transdisciplinares de enfrentá-las e de promover a equidade.

Trazer para as salas de aula reflexões sobre preconceitos enraizados em nossa cultura, desconstruir conceitos errados que aprendemos ao longo de nossas vidas e mudar comportamentos, são formas que levam a reduzir as diferenças e desigualdades e ajudam na construção de uma sociedade igualitária e com justiça social. É na escola que

podemos discutir e trabalhar questões de gênero para que a igualdade de direitos sejam para todos e todas.

4.6- A relação dos estudantes com altas habilidades/superdotação com os colegas de sala de aula

Quando falamos em relações humanas, tendemos a pensar em palavras como confiança, empatia, respeito, harmonia e tantas outras, mas nem sempre é assim. Veja o que diz uma das alunas entrevistadas: “Sim por alguns alunos sinto indiferença. Uns querem ficar junto conosco outros acham que somos melhores e dizem que “Nos achamos” Gisele. Para ela a relação de convivência em sala de aula com alguns colegas mostrasse difícil e complicado ter um elo de amizade. Conforme Gesser (2015) ressalta em seu texto Organização escolar e o processo de homogeneização e a exclusão das diferenças:

Para contextualizar como se produzem os marcadores sociais das diferenças, é necessário destacar que tais as diferenças sempre estão relacionadas a uma norma. Podemos afirmar que vivemos em um contexto social o qual, cada vez mais, estabelece normas de como o sujeito deve ser e se comportar.

Lidar com as diferenças no cotidiano escolar, ainda é tratado como problema, para Vecanto (2014, p.53) “um impecilho ao ensino, e que por esse motivo, os/as estudantes devem ficar de fora da sala de aula, do recreio, da vida social como um todo.

A produção de uma condição diferente de estar na sala de aula também foi identificada na fala de Mariana. Segundo ela: “Sim, eles sempre falam que como sou uma pessoa com altas habilidades, não posso ficar conversando em sala de aula e outras coisas.” Para os colegas de sala de Mariana, ela não tem o direito de comportar-se como os demais estudantes. Como possui indicadores de altas habilidades, para os colegas ela deveria ficar “muda” em sala de aula, não podendo ter as mesmas atitudes de seus colegas. Através dessa fala, verificamos como a escola precisa repensar sua prática, suas ações e deixarmos as falas e debates tomarem conta dos espaços escolares, só assim todos os/as estudantes poderão se sentir fazendo parte do processo.

De acordo com Rech e Freitas(2005, p.295):

Outro mito se refere aos alunos como "globalmente superdotados" Ou seja, apresentam uma habilidade superior em todas as áreas do conhecimento, sendo inadmissível que apresentem alguma dificuldade de aprendizagem em qualquer campo do saber ou do fazer. Diante desses mitos propagados por professores, deduzimos que os alunos

com altas habilidades constituem uma parcela da população escolar que não é facilmente reconhecida pelos professores. Ou ainda, em alguns casos, esses alunos são vistos como uma elite, CDF, tantos outros rótulos que têm sido perpetuados pela comunidade escolar, tanto pelos professores quanto pelos colegas.

A fala de Eliane mostra que nem sempre o sistema educacional consegue medir a implementação do programa voltado às crianças com altas habilidades de forma saudável e inclusiva. Isso pode ser identificado em seu depoimento. Vejamos “Alguns alunos me perguntam por que não foram escolhidos e sentem-se enciumados, ficam “tirando”, implicando comigo algumas vezes”. O depoimento mostra o quanto precisamos informar nossos/as estudantes as diferentes formas de aprender e respeitar cada indivíduo no seu tempo e espaço, ficando na responsabilidade do/a professor/a intervir quando observar essas colocações dos estudantes não deixando reproduzir relações de dominação ou intimidação de um determinado grupo sobre o outro. De acordo com Pérez (2003, p. 22), esse debate para cada professor e professora da sala:

Como vimos, grande parte das dificuldades que enfrenta a pessoa com altas habilidades para ser reconhecida e atendida, na nossa sociedade, resulta desses mitos que criam uma falsa imagem dela. Para elaborarmos uma fórmula para a poção que poderá espantar estes fantasmas teremos que pensar primeiro nos seus ingredientes. Uma grande dose de aceitação de todas as diferenças é o primeiro. Adicionem-se uma maior sensibilização sobre o tema de Altas Habilidades/Superdotação, muito bem condimentada com conteúdos curriculares nos cursos de nível médio e superior (até agora tão desprovidos deste sabor) e a formação continuada dos professores, assim como com o incentivo à pesquisa e publicações nesta área. Uma pitada de vontade política dará o sabor especial desta receita na implementação de políticas que atendam as necessidades desta população e seus familiares. Misturados e dosados na proporção certa, estes ingredientes serão o antídoto mais eficiente contra a discriminação e o esquecimento que até agora têm pairado sobre as pessoas com altas habilidades.

Como vemos, não basta somente à escola se responsabilizar por estes estudantes, mas mostrar que esse aluno e essa aluna fazem parte de nossa sala de aula e assim ajudando a criar políticas públicas que realmente façam a diferença. Nas salas de aula, eles e elas ainda continuam invisíveis para a escola e principalmente para a sociedade. Para Pérez (2002, CD-ROM, 102 a 1120):

Enquanto os educadores e a sociedade, como um todo, não forem capazes de diferenciar mitos de realidade, enquanto estes alunos não saírem da invisibilidade e não forem distinguidas as suas necessidades, enquanto os dispositivos que visam a constituir políticas

educacionais continuarem apenas “falando” deste aluno como alvo da inclusão sem “pensar” em estratégias reais de inclusão, enquanto não lhe for “permitido” a este aluno se auto-reconhecer e se aceitar como diferente, enquanto não aumentar a produção científica e os pesquisadores na área de altas habilidades, a sua inclusão não será possível.

Nesse sentido, conforme expressa a imagem abaixo, precisamos tornar a escola um lugar de em que todas as características das alunas e alunos sejam consideradas, bem como seu processo de constituição como pessoa em todas as dimensões que o constituem. A imagem abaixo expressa uma concepção de escola que nega os elementos que tornam as pessoas diferentes.



Figura 3- Esta imagem do livro “Cuidado, escola”, mostra como a escola vai tirando a essência para colocar padrão e forma para todos e todas da mesma maneira.

Para alguns dos/as estudantes entrevistados: “escola não é lugar para brincar muito menos se divertir, tendo que deixar a criança no portão quando entra e levá-la junto consigo na hora de ir para casa”, sendo assim os colegas de sala de aula veem esses estudantes com indicadores de altas habilidades como “um ser de outro mundo”, sendo excluídos pelos mitos que são criados, esquecendo que a casa, a escola, a

comunidade o local em vivemos é imperfeito e com muitas diferenças que o deixam cheios de beleza e riqueza.

4.7- A relação com família, amigos e comunidade com a condição de ser pessoa com altas habilidades/superdotação

Verificando a fala das/os estudantes que responderem as perguntas dessa pesquisa, nota-se que a relação com a família, amigos e comunidade a que fazem parte os apoiam e ajudam. Observe a fala de Brenda: “Não! Minha família me ajuda e meus amigos me apoiam”. Observa-se que fora da escola, ela recebe atenção, proteção e amparo dos que a cercam. Conforme Winner (1998, p.148):

Em geral, as famílias de crianças superdotadas interagem com suas crianças em casa, perguntando e respondendo questões, discutindo e se engajando em atividades de leitura e conversas frequentes. A superdotação se desenvolve em famílias de diferentes níveis econômicos. “Pais pobres de crianças superdotadas são responsivos e estimulantes e provêem oportunidades para leitura, brinquedo e conversa.

Já a fala de Gisele aponta que, além do apoio, a família tem muito orgulho de sua condição. Vejamos: “Não, não vejo nenhuma interferência. Minha família aceita super bem e inclusive se orgulham de eu participar da sala de AEE/AH/SD, eles sempre me acharam madura para minha idade. Levo minha vida normal com amigos, parentes e outros compromissos que tenho fora da escola”, demonstra que a família além de apoiar já via desde de cedo traços que a diferenciavam das outras crianças. Dentro do contexto familiar é que os primeiros sinais de precocidade são observados. Fleith (2007, p. 31) diz que:

... precisam compreender primeiramente como ocorre a relação entre a bagagem biológica familiar e a bagagem proveniente das experiências vivenciadas nos contextos da sociedade e de uma cultura, bem como de todo o clima afetivo que permeia as interações sociais e que estarão atuantes na manifestação das altas habilidades/superdotação.

Para Eliane: “Todos me apoiam, todos aceitam. Os amigos quando sabem acham legal, não me acham anormal. Minha família acha maravilhoso e minha vó adora tudo isso. Todos acham ótimo.” Ter indicadores de altas habilidades e fazer parte da Sala de

Atendimento Educacional Especializado é sinal de orgulho e contentamento da família e amigos de Eliane contribuindo para o desenvolvimento e crescimento. O mesmo vimos com Artur: “Não, todos me tratam igual”, pois o mesmo demonstra ter uma vida familiar favorável ao desenvolvimento de suas potencialidades.

Para Fleith (2007, p. 32), o contexto onde a criança com indicadores de altas habilidades vive, tem influência em como ela se desenvolve, pois um lar onde o fator biológico, o sócio-cultural e o clima de afetividade estão presentes, contribui diretamente para o crescimento das habilidades na criança:

Por fim, cabe ressaltar que o clima afetivo familiar recebe influência dos diversos contextos os quais a família escolhe para compor sua rede de apoio social, como a escola dos filhos, o trabalho dos pais, a rede de amigos e demais familiares, os clubes ou as associações, os grupos religiosos, os cursos extracurriculares e os serviços oferecidos à comunidade, entre outros contextos que compõem o universo sócio-cultural da família. Esse universo, por sua vez, permeará o repertório de crenças, valores e práticas educativas adotadas pelos pais e que atuarão diretamente no desenvolvimento do filho.

A imagem mostra a importância das famílias, sendo eles os primeiros educadores, seus lares são os primeiros locais de aprendizagem, de valores, de normas, de atitudes e crenças que desenvolvem nas crianças as suas habilidades sociais.

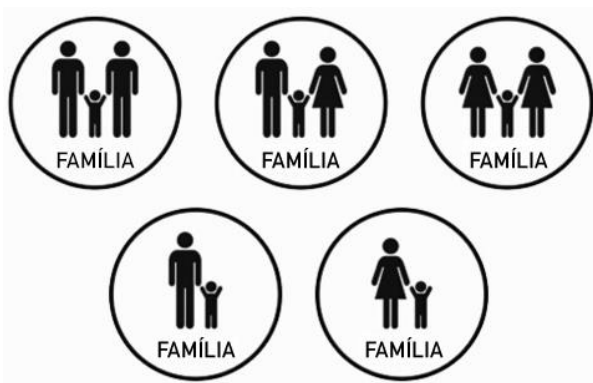


Figura 4- Retirada: <http://direitofamiliar.com.br>

A família que valoriza seu filho ou filha busca que esses sejam independentes e responsáveis por suas escolhas, Fleith (2007, p. 34) afirma que pais que concedem ao filho autonomia e padrões claros de conduta e desempenho são citados na literatura como pais que possuem autoridade e suas famílias demonstram os melhores desempenhos.

4.8 - As Contribuições da Sala de Atendimento Educacional Especializado Altas Habilidades/Superdotação

Muitos são os desafios da escola para enfrentar e fornecer educação de qualidade para todos e todas de forma inclusiva. Além de atender os alunos e alunas com dificuldade de aprendizagem, nossa escola também possui a Sala de Atendimento Educacional Especializado que identifica e atende estudantes com indicadores de altas habilidades/superdotação aplicando técnicas e estratégias de ensino para suplementação, diferenciação e o enriquecimento curricular.

Observe a fala da aluna Brenda que esse espaço “Contribuiu muito no meu desenvolvimento e crescimento, aprendi bastante, ajudei e fui ajudada pelos meus colegas e professoras. Em minha opinião a palavra que define essa sala é “conhecimento”. Observa-se que o depoimento de Brenda ressalta qual é o papel da escola, e mais especificamente da participação dela na Sala de Atendimento Educacional Especializado, para cada estudante. De acordo com Virgolim (2007, p. 17 e 18):

Neste sentido, a missão das escolas deveria ser a de encorajar a produtividade criativa e intensificar a qualidade de experiências de aprendizagem para todos os estudantes e não só para os que se destacam por suas capacidades intelectuais superiores. Assim sendo, a sua meta não seria, a priori, identificar e separar o grupo dos superdotados daqueles que não o são, mas sim prover a cada aluno com as oportunidades, recursos e encorajamento necessários para atingir o seu potencial máximo, de forma inclusiva.

Na Sala de Atendimento Educacional Especializado, os/as estudantes montam seu planejamento e a forma como trabalhar e pesquisar o tema escolhido, podendo ser de forma individual ou em equipe. Na fala de Gisele: “As professoras ensinaram novas maneiras de aprender, de pesquisar, de ensinar e de trabalhar em equipe. Nessa sala tem muita troca de conhecimento.”

Essas/es estudantes possuem características próprias que são rapidez de aprendizagem e facilidade nas suas áreas de interesse. A definição brasileira atual considera os educandos com altas habilidades/superdotação aqueles que apresentam grande facilidade de aprendizagem que os leve a dominar rapidamente conceitos, procedimentos e atitudes (Brasil, 2001, Art. 5º, III).

Veja avaliação das contribuições da Sala de Atendimento Educacional Especializado na fala de Mariana: “Está contribuindo bastante, aprendi muitas coisas

novas, aprendi a pesquisar, adorei ir ao laboratório da Universidade fazer experiências, trabalhar em projetos e amei fazer teatro. “Na sala de AEE me sinto muito feliz”. São falas como essa que dão fôlego e vontade de trabalhar buscando sempre o melhor para cada estudante sentirem-se felizes na sala de AEE para cada atendimento. Conforme Renzulli:

Alunos motivados geralmente demonstram interesse através de uma série de comportamentos, tais como: faz grande número de perguntas; se engaja em profundas discussões sobre um determinado tópico; busca adultos com conhecimento na área para satisfazer seus interesses ou curiosidade; dedica grande parte do tempo livre no estudo ou no desempenho de atividades relacionadas a este interesse, por sua própria vontade, e às vezes até compulsivamente; busca atividades extracurriculares relacionadas à área, nas quais demonstra mais interesse do que em suas atividades escolares regulares; demonstra alto interesse em explorar e criar dentro de um determinado tópico (Renzulli, 1997).

Para exemplificar a fala do autor, a imagem abaixo mostra o experimento de um estudante da sala de AEE/AH/SD no Laboratório de Química sobre Densidade.

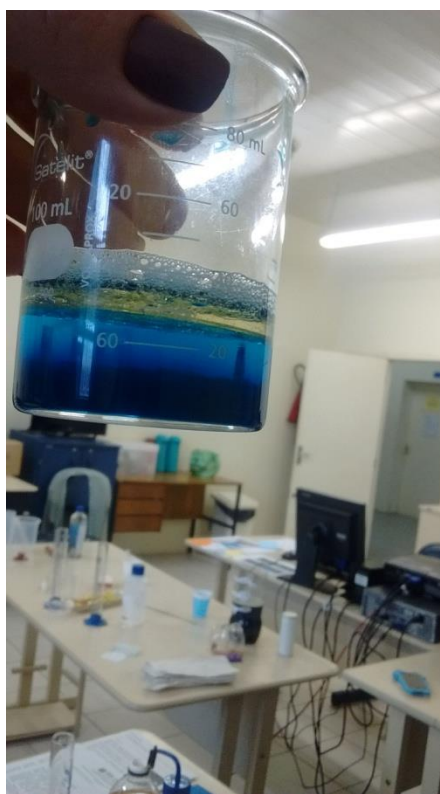


Figura 5 – Imagem da experiência do Laboratório de Química sobre Densidade.

Para essas/es estudantes, oportunizar espaços educacionais para pesquisa, leitura, criação e levá-los a outros espaços de conhecimento é o que precisam para contribuir em seu pleno desenvolvimento, para isso precisamos dar visibilidade a estes.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos relatos e da descrição de um dos trabalhos desenvolvidos na Sala de Atendimento Educacional Especializado/ Altas Habilidades/Superdotação demonstra como é importante detectar essas/es estudantes em nossas salas de aula. Os estudantes com altas habilidades/superdotação, a pessoa com deficiência ou com condutas típicas necessitam de um ambiente adequado, estimulador e rico em experiências para desenvolver suas potencialidades. Também vimos como a precariedade das escolas desestimula as/os estudantes. As escolas continuam conservadoras em sua forma de lidar com as diferenças.

O que estas/es estudantes necessitam são de políticas públicas que lhes dêem visibilidade, buscando a confirmação de seus direitos respeitando as diferenças. Quando a escola estiver preocupada em revisar seu currículo e tornar suas práticas pedagógicas democráticas, igualitária e realmente inclusiva para as/os estudantes, teremos menos exclusões e evasão das salas de aula.

Este trabalho mostra três pontos importantes: a visibilidade das/os estudantes com indicadores de altas habilidades/superdotação, a dificuldade de as escolas enfrentarem as diferenças e o trabalho da sala de atendimento educacional especializado.

Uma questão muito importante evidenciada pelo estudo foi a de que, quando professoras, professores, pais, mães e demais responsáveis por estudantes com indicadores de altas habilidades/superdotação estão atentas/os aos sinais de precocidade e habilidades é possível implementar com maior efetividade as políticas voltadas à garantia de seus direitos. Assim, faz-se necessário o rompimento com a lógica homogeneizante que, ao negar as diferenças, transforma a escola em um lugar pouco atraente para todos as/os estudantes desviantes.

Sendo assim, a escola deve buscar trazer para dentro das salas de aulas debates, seminários e mudança em seus currículos. Dessa forma, combateremos as desigualdades, exclusões e violências trabalhando a inclusão das diferenças e assim caminharemos para uma educação igualitária e democrática.

As escolas precisam perceber que, com a emergência da educação inclusiva, a frequência de pessoas com deficiência, com condutas típicas ou altas habilidades/superdotação traz importantes modificações no projeto político pedagógico

e, principalmente, aponta a necessidade de adaptação do currículo considerando as várias diferenças que temos nas salas de aula. Quando criamos ações concretas que amparam as diferenças, eliminamos as desvantagens impostas e contribuimos para a concepção de uma sociedade que valoriza e garante os direitos a todas as pessoas.

O atendimento em salas especializadas ajuda, apoia e orienta tanto os estudantes, quanto a escola e a família em auxiliar as necessidades pedagógicas estimulando suas potencialidades criativas e seu senso crítico.

Para finalizar, o trabalho identificou que há urgência de programas educacionais que atendam (não fiquem somente no papel) tanto as/os estudantes com altas habilidades/superdotação quanto as/os com dificuldades de aprendizagem, considerando suas especificidades que venham a diminuir as desigualdades e exclusões fazendo um ambiente escolar mais democrático e realmente inclusivo.

6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Editora 70, 2007. [[Links](#)]

BARRETO, Andréa; MANICA, Daniela; ZANETI, Leila, Araújo; CARRARA, Sérgio **Especialização em Gênero e Diversidade na Escola - Livro 1 – Módulo I**. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero / / Centro de Filosofia e Ciências Humanas / UFSC, 2015a. 141p. Livro didático.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996. Resolução nº 01.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação** – PNE/Ministério da Educação. Brasília, DF: INEP, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual/** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Ministério da Educação. Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica/**Secretaria de Educação Especial – MEC: SEESP, 2001.

BUTLER, J. (2004). **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2004.

CONSTITUIÇÃO, 1989. **Constituição do Estado de Santa Catarina**. Ed. atualizada com 49 Emendas Constitucionais – Florianópolis: Assembléia Legislativa, 2009.

DAVIS, G. A. (1997). **Identifying creative students and measuring creativity**. Em N. Colangelo, & G. A. Davis (Orgs.), *Handbook of gifted education* (2nd ed., pp. 269-281). Needham Heights, MA: Allyn and Bacon.

DECRETO Nº. **3.956** de 8 de outubro de 2001. Brasília, 2001. Disponível em: http://www.in.gov.br/mp_leis/leis_texto.asp.

DECRETO Nº **5.296** de 02 de dezembro de 2004 .Disponível em: <www.planalto.gov.br

FLEITH, Denise de Souza; ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de (Orgs). **Desenvolvimento de Talentos e Altas Habilidades: orientações a pais e educadores**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FLEITH, Denise de Souza (Org.) **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação**: volume 3: o aluno e a família / organização: Denise de Souza Fleith. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

GARDNER, Howard. **Inteligência: um conceito reformulado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

GESSER, Marivete. **Gênero, corpo e sexualidade: processos de significação e suas implicações na constituição de mulheres com deficiência física**. Tese (Doutorado em Psicologia). Florianópolis: PPGP, 2010.

GESSER, Marivete; OLTRAMARI, Leandro Castro; CORD, Denise; NUERNBERG, Adriano Henrique **Psicologia escolar e formação continuada de professores em gênero e sexualidade**. *Psicol. Esc. Educ.*, 16(2), 2012, 229-236. Doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572012000200005>

GUESSER, Marivete; NUERNBERG, Adriano Henrique. **Deficiências e Inclusão**. Especialização em gênero e diversidade na escola: Livro V, Módulo V e VI. Tubarão: ed. Copiart, 2016.

GROSSI, Miriam Pillar; GARCIA, Olga Regina Z.; LOZANO, Marie-Anne; MAGRINI, Pedro Rosas (Org.). **Especialização em Gênero e Diversidade na Escola - Livro 1 – Módulo I**. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero / / Centro de Filosofia e Ciências Humanas / UFSC, 2015a. 141p. Livro didático.

GROSSI, Miriam Pillar; GARCIA, Olga Regina Z.; MAGRINI, Pedro Rosas (org.). **Especialização em Gênero e Diversidade na Escola - Livro 2 – Módulo II**. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero / / Centro de Filosofia e Ciências Humanas / UFSC, 2015. 141p. Livro didático.

GROSSI, Miriam Pillar; GARCIA, Olga Regina Z.; MAGRINI, Pedro Rosas (Org.). **Especialização em gênero e diversidade na escola: Livro IV, Módulo IV**. Tubarão: ed. Copiart, 2015b.

GROSSI, Miriam Pillar; GARCIA, Olga Regina Z.; MAGRINI, Pedro Rosas (Org.). **Especialização em gênero e diversidade na escola: Livro V, Módulo V e VI**. Tubarão: ed. Copiart, 2016.

LEI COMPLEMENTAR, nº 170, de 07 de agosto de 1998.

Disponível em: <http://server03.pge.sc.gov.br/LegislacaoEstadual/1998/000170-010-0-1998-000.htm>

MINISTÉRIO, da Educação Secretaria de Educação Especial. **A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades / Superdotação** Volume 3: O Aluno e a Família Organização: Denise de Souza Fleith Brasília, DF 2007

MINELLA, Luzinete Simões; ASSIS, Gláucia de; FUNCK, Susana B. **Políticas e Fronteiras. Desafios Feministas**, Volume 2. Tubarão, SC: ed. Copiart, 2014.

NUERNBERG, Adriano Henrique; GESSER, Marivete. **Barreiras atitudinais no contexto da inclusão escolar de estudantes com deficiência**. In: Ruth Emilia Nogueira (Org).Geografia e Inclusão Escolar: teoria e práticas. Edições do Bosque, no prelo.

Organização Mundial de Saúde (2012). Relatório mundial sobre a deficiência. São Paulo: SEDPcD, 2012.

PÉREZ, Susana Graciela Pérez.Barrera. **Ser ou não ser, eis a questão: o processo de construção da identidade na pessoa com Altas Habilidades/Superdotação**. 2008. 230 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2008.

PÉREZ, S.G.P.B. **Da transparência à consciência: uma evolução necessária para a inclusão do aluno com altas habilidades**. In: **Seminário Estadual de Inclusão de Pessoas com Altas Habilidades/Superdotados**, 1.; SEMINÁRIO DE INCLUSÃO DA PESSOA COM NECESSIDADES ESPECIAIS NO MERCADO DE TRABALHO, 2.; SEMINÁRIO CAPIXABA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA, 6., 2002. Vitória. Anais... Vitória: UFES/Fórum Permanente de Educação Inclusiva/ABSD-ES/Fundação Ciciliano Abel de Almeida/FINDES-SENAI/ES. 2002, CD-ROM (102-112).

PIOVESAN, Flávia. **Direitos humanos e justiça internacional: estudo comparativo dos sistemas interamericano, europeu e africano**. São Paulo: Saraiva, 2006.

PROGRAMA de Educação Inclusiva: Direito à Diversidade

Disponível em : <http://portal.mec.gov.br/>

RECH, Andréia Jaqueline Devalle and Freitas, Soraia Napoleão **Uma análise dos mitos que envolvem os alunos com altas habilidades: a realidade de uma escola de Santa Maria/RS**. *Rev. bras. educ. espec.*, Ago 2005, vol.11, no.2, p.295-314. ISSN 1413-6538.

RENZULLI, J. S. *El Concepto de los Tres Anillos de la Superdotacion: um modelo de desarrollo para uma productividad creativa*. In: BENITO MATE, Y. (Coord.). *Intervención e Investigación Psicoeducativas en Alumnos Superdotados*. Salamanca: Amarú Ediciones, 1994. p. 41-78.

RENZULLI, J. S., & Reis, S. M. (1997a). **The Schoolwide Enrichment Model: A how-to guide for educational excellence** (2nd ed.). Mansfield Center, CT: Creative Learning Press. Renzulli & Reis (1997b)).

ROCHA, Marisa Lopes da, **Psicologia e Educação: desafios teóricos-práticos** – São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

SANTA CATARINA. Governo do Estado. Secretaria de Estado da Educação. **Proposta Curricular de Santa Catarina: formação integral na educação básica. Estado de Santa Catarina**, Secretaria de Estado da Educação, 2014

SANTA CATARINA (Estado). Secretaria de Estado da Educação. Fundação Catarinense de Educação Especial. **Política de Educação Especial do Estado de Santa Catarina**: Coordenador Sergio Otavio Bassetti - São José: FCEE, 2006 52 p.

WINNER, E. (1998). **Crianças superdotadas.Mitos e realidades**. Porto Alegre: Artmed.

VIRGOLIM,Angela. **Altas Habilidades / Superdotação Encorajando Potenciais**
Angela M. R. Virgolim Brasília, DF 2007Brasil (2001). Resolução n.º 02/2001, instrui as Diretrizes Nacionais da Educação Especial para a Educação Básica. Brasília: Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Básica.

7- APÊNDICE

1- Instrumento de coleta de informações

Roteiro de entrevista

Dados pessoais

Nome (fictício): _____

Idade: _____

Cor: _____

Renda da família:

Número de pessoas que moram na casa

Religião:

2- Perguntas

1. Na sua opinião, o que significa ser pessoas com altas habilidades/superdotação?
2. Quais as implicações que o fato de você ser caracterizado como pessoa com altas habilidades traz para a sua vida?
3. Você percebe que há alguma implicação do fato de ser estudante com altas habilidades nas relações com seus colegas em sala de aula?
4. E em relação aos demais âmbitos de sua vida (família, amigos, inserção comunitária) você percebe que o fato de ser caracterizado como pessoa com altas habilidades tem alguma interferência? Se sim, explica de que forma essa condição interfere).
5. Na sua opinião, quais as contribuições de participar das atividades realizadas pelas/os professoras/es do Atendimento Escolar Especializado voltadas à estudantes com altas habilidades?

8- ANEXO - 01

Tabela 2 – Perguntas – Opinião dos/as estudantes que frequentam a Sala de Atendimento Educacional Especializado:

Categoria	Sub-categoria	Perguntas e respostas:
Definição	Altas Habilidades/ Superdotação	<p>O que significa ser pessoa com altas habilidades/superdotação? Brenda: significa que temos mais potencial que os outros, maior facilidade em aprender. Gisele: Ter facilidade em aprender. Mariana: Ter a capacidade de aprender mais rápido, inteligente e criativa. Eliane: Ter um potencial diferenciado das outras. Artur: Ter talento e facilidade para aprender.</p>
Caracterização	Implicações	<p>Quais as implicações que o fato de você ser caracterizado como pessoa com altas habilidades traz para sua vida? Brenda: Traz uma certa cobrança dos amigos próximos e familiares, por termos indicadores de altas habilidades. Sempre vão estar esperando algo de nós. Gisele: Acho que às vezes, por exemplo, na sala de aula, alguns alunos se sentem inferiores a nós, mas eu nunca me senti melhor que ninguém pois sei que isso não é bom, não somos melhores que ninguém, somos iguais a todos. Mariana: Elas não são melhores que as outras, mas sim tem capacidade de aprender mais rápido. Eliane: Algumas pessoas eu percebo que sentem inveja, claro não todas. Pois tiramos notas altas em todas as matérias, alguns nos chamam de “Nerd”. Artur: Não tem nada de ruim, só coisas boas.</p>
Relação	Convivência com os colegas de sala de aula	<p>Você percebe que há alguma implicação do fato de ser estudante com altas habilidades nas relações com seus colegas em sala de aula? Brenda: Não, na minha opinião não interfere, ao contrário nós acabamos ajudando nossos colegas e amigos. Gisele: Sim por alguns alunos sinto indiferença. Uns querem ficar junto conosco outros acham que somos melhores e dizem que “Nos achamos”. Mariana: Sim, eles sempre falam que como sou uma pessoa com altas habilidades, não posso ficar conversando em sala de aula e outras coisas. Eliane: Alguns alunos me perguntam por que não foram escolhidos e sentem-se enciumados, ficam “tirando”, implicando comigo algumas vezes. Artur: Não, em sala de aula é tudo normal com os colegas.</p>

<p>Interferência</p>	<p>Relação com família, amigos e comunidade</p>	<p>E em relação aos demais âmbitos de sua vida (família, amigos, inserção comunitária) você percebe que o fato de ser caracterizado como pessoa com altas habilidades tem alguma interferência? Se sim, explique de que forma essa condição interfere?</p> <p>Brenda: Não, minha família me ajuda e meus amigos me apoiam.</p> <p>Gisele: Não, não vejo nenhuma interferência. Minha família aceita super bem e inclusive se orgulham de eu participar da sala de AEE/AH/SD, eles sempre me acharam madura para minha idade. Levo minha vida normal com amigos, parentes e outros compromissos que tenho fora da escola.</p> <p>Mariana: Não, minha família me apoia bastante e fora da escola faço o que sempre fiz.</p> <p>Eliane: Todos me apoiam, todos aceitam. Os amigos quando sabem acham legal, não me acham anormal. Minha família acha maravilhoso e minha vó adora tudo isso. Todos acham ótimo.</p> <p>Artur: Não, todos me tratam igual.</p>
<p>Contribuição</p>	<p>Participar da sala de AEE/AH</p>	<p>Na sua opinião, quais as contribuições de participar das atividades realizadas pelas professoras da sala de Atendimento Educacional Especializado voltadas à estudantes com Altas Habilidades?</p> <p>Brenda: Contribuí muito no meu desenvolvimento e crescimento, aprendi bastante, ajudei e fui ajudada pelos meus colegas e professoras. Na minha opinião a palavra que define essa sala é “conhecimento”.</p> <p>Gisele: As professoras ensinaram novas maneiras de aprender, de pesquisar, de ensinar e de trabalhar em equipe. Nessa sala tem muita troca de conhecimento.</p> <p>Mariana: Está contribuindo bastante, aprendi muitas coisas novas, aprendi a pesquisar, adorei ir no laboratório da Universidade fazer experiências, trabalhar em projetos e amei fazer teatro. Na sala de AEE me sinto muito feliz.</p> <p>Eliane: Me fez muito bem. Quem me conheceu no início de 2016, não me conhece mais! Eu era ridícula, egoísta e não levava desaforo para casa. Quando entrei na sala de AEE, muita coisa mudou, a convivência com os outros colegas me fez repensar. Aprendi a dividir, a controlar minha boca e o melhor de tudo aprendi que posso ensinar e aprender com o outro, que minha opinião não é única. Na sala de AEE, aprendi que minha liderança pode ser usada para coisas boas e assim ajudar as pessoas.</p> <p>Artur: Na sala de AEE, aprendi muitas coisas novas, fomos a muitos lugares onde melhorou meu entendimento e complementou o que eu já sabia.</p>

ANEXO - 02

Caracterização do instrumento que descreve os indicadores de Altas Habilidades/Superdotação:

A partir dessa seleção, foram indicadas/os para sala de AEE – Sala de Atendimento Educacional Especializado, doze crianças que foram matriculadas no ano de 2016 no 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola de Educação Básica de Joinville, Santa Catarina no bairro Aventureiro. O processo foi iniciado através de instrumento (questionários) que descrevem indicadores de Altas Habilidades/Superdotação.

De acordo com Pérez e Freitas (2016,p.29), o questionário é composto por vinte e cinco questões que refletem cinco características gerais (questões 1 a 5), uma de liderança (questão 6), seis indicadores de habilidades acima da média (questões 7 a 12), seis indicadores de criatividade (questões 13 a 18), seis questões de comprometimento com a tarefa (questões 19 a 22), duas questões que às vezes, indicam alunos com AH/SD (altas Habilidades/Superdotação) muito tímidos, com autoestima muito prejudicada ou ainda que estão submetidos a situações diferenciadas que lhes impedem manifestar outros indicadores de AH/SD (Altas Habilidades/Superdotação (questões 23 e 24). A questão vinte e cinco foi subdividida para evidenciar o destaque em áreas específicas de acordo com as disciplinas escolares, exceto Artes e Educação Física que têm seus questionários específicos.

O instrumento preenchido pelo professor ou professora é simples, sendo solicitado (a) que leia o questionário pensando em cada aluna ou aluno (podendo ser um nome ou dois para cada questão) que mais se destaca da turma. A/o professor/a deve observar que nem todos devem ser nomeados e que alguns repetirão diversas vezes.

Para a compreensão desse questionário os/sa estudantes apresentam indicadores de Altas Habilidades/Superdotação, ele/a teve sua indicação pelo menos 51% das questões de 1 a 24, ou seja, o/a mesmo/a estudante foi citado/o pelo menos treze vezes, além da(s) na questão 25.

A/os estudantes que foram selecionada/os no processo acima citado, passaram pelo processo de avaliação individual com Questionário de Identificação de Indicadores de Altas Habilidades/Superdotação do (a) Aluno ou Aluna (QIAHSD-A) composto por 80 perguntas divididas em seis blocos. As quatro primeiras perguntas são informações

de identificação e do contexto socioeconômico da família, as quatorze perguntas seguintes (questões 5 a 18) investigam a presença de características gerais de AH/SD – Altas Habilidades e Superdotação. A Habilidade acima da média tem seus indicadores mediante doze perguntas (questões 19 a 30), Criatividade em quinze perguntas (questões 31 a 45), Comprometimento com a Tarefa em treze perguntas (questões 46 a 58), Liderança são cinco perguntas (questões 59 a 63) e Artes e Educação Física são dezessete perguntas (questões 64 a 80), ressaltando que os três últimos indicadores não trabalhados na sala de AEE – Sala de Atendimento Educacional Especializado, pois não possui suporte para atender essas necessidades específicas.

Após essa seleção interna, foram chamados os pais ou responsáveis dos (as) estudantes explicados como funcionou o processo e como funcionaria a partir de então os trabalhos realizados na escola com os mesmos. A aceitação pelos pais foi positiva, eles (as) passaram a responder o Questionário para Identificação de Indicadores de Altas Habilidades/Superdotação – Responsáveis (QIAHSD-R). As quatro primeiras perguntas são de contexto socioeconômico da família, as duas primeiras perguntas são destinadas a informações do/a estudante, nas questões de 5 a 8 são perguntas que somente os pais ou responsáveis sabem responder, as questões 5 a 18 são de Características Gerais, as questões de 19 a 30 são de Habilidade acima da média, as questões de 31 a 45 são de Criatividade, as questões de 46 a 58 são de Comprometimento com a tarefa e de 59 a 63 são de Liderança.

Atendimento da Sala de AEE/AH/SD:

O trabalho foi iniciado com a aplicação de questionário para os professores do sexto ano. Depois dos questionários respondidos e avaliados, foram selecionadas doze crianças entre 10 e 11 anos de idade matriculadas no 6º ano do Ensino Fundamental da escola acima citada. Desses selecionados, dois mudaram de endereço indo estudar em outras escolas, dificultando a frequência na sala de AEE/AH/SD – Sala de Atendimento Educacional Especializado/ Altas Habilidade/Superdotação.

Os outros estudantes são atendidos por uma professora mediadora que tem como atribuições (conforme orientação Gestão da Educação Especial na Escola -2016 p.13):

- Oferecer atendimento especializado aos estudantes com indicativos de Altas Habilidades/Superdotação por meio de suplementação e enriquecimento escolar;
- Explorar as áreas de interesse do/a estudante para que desenvolva habilidades em que demonstrar potencial;
- Favorecer as interações sócio-afetivas;
- Orientar o professor ou professora da sala de aula regular quanto às formas de adequação curricular;
- Desenvolver com o/a estudante um plano de atendimento educacional que poderá ser através de projetos que atendam as necessidades do mesmo;
- Realizar registros de atendimento;
- Realizar parecer pedagógico, indicando ou não a continuidade do/a estudante na sala de AEE/AH/SD – Sala de Atendimento Educacional Especializado/ Altas Habilidades/Superdotação;
- Participar de Reuniões e Conselhos de Classe;
- Solicitar por escrito a equipe de Educação Especial da Gerência de Educação de Joinville, assessoria técnica, material específico para atividades pedagógicas e avaliativas, para capacitações e outros;
- Reservar 20% da carga horária semanal para realizar orientações aos professores da escola e para elaborar orientações aos professores da escola e para elaborar relatórios, planejamento e registros de atendimentos.

A Pedagoga tem como atribuições na sala de AEE/AH/SD – Sala de Atendimento Educacional Especializado/Altas Habilidades/Superdotação:

- Realizar avaliação inicial e aplicação de protocolos de identificação de indicadores;
- Orientar o professor (a) do AEE quanto a instrumentalização do atendimento, estratégias de atendimento escolar;
- Elaborar e realizar relatórios pedagógicos;
- Assessorar os professores e a equipe técnica da escola onde os/as estudantes estão matriculados;
- Orientar as escolas sobre as possibilidades de aceleração escolar quando necessária ou solicitada;

- Orientar as escolas para registrarem os aluno e alunas no Censo Escolar;
- Promover palestras e encontros para os professores onde os/as estudantes estão matriculados.